

Crítico literário e fundador do IEL fala sobre a biblioteca de seu pai, doada por ele e pelos irmãos à Unicamp em 1989

O mundo dos livros e o mundo digital, segundo Antonio Candido

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Com a generosidade dos professores a quem sempre reservamos respeito e especial carinho, Antonio Candido dispõe-se prontamente a falar sobre os 3.528 livros que ele e seus irmãos, Roberto e Miguel, doaram à Biblioteca Central da Unicamp em 1989, mediante o singelo pedido de que a coleção ganhasse o nome do pai, Aristides Candido de Mello e Souza. Mas Antonio Candido não é homem de declarações triviais ao telefone. Ao perceber que a entrevista enveredaria por reflexões – “Preciso pen-

sar um pouco” –, pede que as perguntas sejam enviadas por escrito, e pelo correio, pois não possui endereço eletrônico. “Não que eu tenha aversão a modernidades, é apenas falta de hábito, no meu tempo não havia isso”, justifica.

Crerioso como não deixaria de ser o maior ensaísta brasileiro – mesmo que hoje se considere um “ex-crítico completamente afastado do movimento intelectual” –, Antonio Candido telefona logo na manhã seguinte ao recebimento da carta, a fim de esclarecer que não responderia a certas questões, simplesmente porque não tem juízos

Ensaísta revela importância dos pais em sua formação

formados a respeito. Nem haveria motivo para insistirmos. As respostas que mandou de volta, na forma de um artigo irretocável, que ele próprio intitulou de “Entrevista atípica” talvez por causa dessas circunstâncias, nos oferecem um delicioso passeio pelo mundo de bibliotecas do escritor. No envelope, ele ainda incluiu zelosamente o livreto contendo seu discurso de agradecimento ao título de Doutor *Honoris Causa* concedido pela Unicamp em 17 de dezembro de 1987, quando enalteceu o trabalho do grupo que aqui coordenou para a criação do Instituto de Estudos da Língua-

gem (IEL). Aposentado na USP, o ensaísta completará 86 anos em 24 de julho.

Em exatas cem linhas datilografadas, dentro do padrão que lhe foi sugerido mas que poderia perfeitamente desrespeitar, e aparentemente escritas de um fôlego e com poucas correções à mão, Antonio Candido conta como os pais o iniciaram na intelectualidade, compara seu mundo de bibliotecas ao mundo digital de hoje, opina se a especialização excessiva de agora resulta na fragmentação do conhecimento, e pondera porque continuará doando seus livros. No acervo de Coleções Especiais da BC estão inúmeros títulos que trazem inclusive a dedicatória dos autores.

“A biblioteca deveria ser equivalente ao laboratório como centro da universidade, formando ambos o seu duplo coração”

(Antonio Candido, durante a inauguração da Biblioteca Central da Unicamp, em 1989)

Fotos: Antoninho Perri/ Divulgação

Entrevista atípica

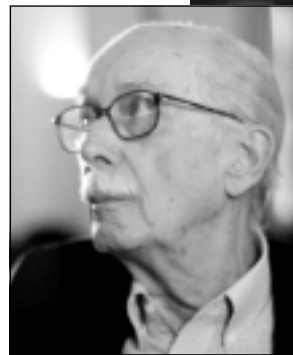
ANTONIO CANDIDO

O repórter faz algumas perguntas que responderei em parte, dissolvendo-as numa espécie de informação baseada nas suas indagações. – Que impressão guardo de meus pais cercados pela sua biblioteca, é o que deseja saber antes de mais nada. Respondo que nasci e cresci em casas cheias de livros, não apenas os de medicina, profissão de meu pai, mas de literatura, história, filosofia. Morávamos em cidades do interior de Minas, e quando lembro do passado a impressão que tenho é de uma espécie de ambiente bem diverso do meio, ambiente que meus pais criaram com uma densidade cultural mais ampla que a dos lugares onde vivíamos. Os livros eram uma espécie de símbolo da qualidade cultural que eles prezavam, independente do lugar onde estivessem.

Meu pai e minha mãe nos falavam constantemente de suas leituras, de pintura, de música, de sua experiência nos grandes centros onde tinham estado. Meu pai costumava nos ler e explicar todas as noites, depois do jantar, certos textos em português ou francês que julgava oportunos. Lembro, por exemplo, que quando eu tinha mais ou menos 13 ou 14 anos nos leu muito d' *Os Sertões*, cuja primeira edição possuía, comprada na Casa Genoud, de Campinas. Ele estava no 4º ano do ginásio quando surgiu a grande novidade. Meus irmãos e eu fomos criados num ambiente saturado de cultura onde os livros tinham lugar privilegiado, estimulados por pais que valorizavam o saber como patrimônio principal.

Uma sorte para mim foi termos ido morar em 1930 em Poços de Caldas, estação termal muito freqüentada que tinha, meio por milagre, uma livraria excelente, com livros franceses e ingleses além dos nacionais. Tornei-me freguês assíduo e meu pai pagava liberalmente as pesadas contas de livros que eu ia comprando.

É claro que naquele tempo e naquele mundo o livro era o meio principal e quase único de aquisição do saber. Não havia TV, não havia internet e o rádio começou a se difundir precariamente depois de 1930. É legítima a preocupação do repórter, ao indagar se a cultura baseada no livro não é mais favorável ao aprofundamento da reflexão. Os recursos atuais, que atraem os jovens de maneira avassaladora, requerem menos informativa individual, porque o grosso da informação é por assim dizer imposto, enquanto no universo do livro é maior a margem de escolha de cada um. Eu não saberia decidir, mas sou incapaz de conceber a aquisição do saber fora do livro. Em todo caso, não devemos nos fechar ante os novos meios de informação, que podem gerar um tipo diferente e igualmente válido de cultura. Antes de cair no pessimismo, convém não esquecer que já houve grandes culturas menos dependentes da escrita, como é o caso da grega, base da nossa. Henri-Irenée Marrou, que cito sem-



Antonio Candido e a biblioteca de seu pai, na época da doação, em 1989, e recentemente no filme sobre a vida e a obra de Sérgio Buarque de Holanda



pre nesse caso, discutindo nos anos de 1950 o advento da TV e a extensão do rádio, lembrava que Platão e Aristóteles não escreviam livros, falavam, assim como os poetas cantavam os seus poemas. Era uma esplendorosa cultura oral; o registro das falas vinha depois e era restrito.

Além dessas questões gerais, ligadas ao destino do livro, o repórter se preocupa com outras igualmente importantes, como indagar se a especialização excessiva do nosso tempo não equivale a uma fragmentação do conhecimento intelectual, dificultando as visões abrangentes de teor mais crítico. A propósito lembro que a geração de meu pai, nascido antes da República, já era sob este aspecto diferente da minha, mas não de maneira essencial. Eu estou mais perto dele do que dos jovens atuais. Naquele tempo a medicina ainda era pouco científica e tinha muito de artesanato (digamos assim), de modo que os seus profissionais eram levados a especular sobre problemas mais amplos, procurando respostas nas chamadas humanidades. Meu pai era muito culto, e

conheci colegas dele que eram tanto ou mais do que ele, porque o tempo dava para adquirir conhecimentos além dos específicos. Hoje, um médico precisa consagrar-se integralmente à aquisição de conhecimentos técnicos cada vez mais setorializados, que mudam sem cessar, de modo que acabou o tipo de médico humanista. Foi vantagem? Foi desvantagem? Creio que para a cura dos doentes foi um enorme progresso. Mas confesso que sou incapaz de resolver teoricamente esse problema, que se traduz pela dialética da especialização e da generalização.

O repórter termina perguntando a respeito da composição da coleção que meus irmãos e eu doamos à Unicamp em 1989 com o nome de nosso pai, Aristides Candido de Mello e Souza (1885-1942), indagando também sobre os motivos que nos levaram a isso.

São 3.500 volumes, dos quais a maioria absoluta é formada por livros meus. O resto consta de livros que foram de meu pai, minha mãe e meus irmãos, mas em proporção bem menor. Esclareço que a biblioteca médica de meu pai foi doada por minha mãe em

1960 à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Ainda: que parte dos livros de minha mãe foi doada à Faculdade de Filosofia de Poços de Caldas, cidade onde ela nasceu, onde meu pai foi diretor dos Serviços Termais e depois médico clínico. Finalmente: ainda há centenas de livros deles que estão comigo e com um de meus irmãos. A doação foi feita em nome de meu pai a fim de prolongar a sua memória. A escolha de Campinas se deve não apenas à minha ligação com a Unicamp, mas devido ao papel da cidade na formação de meu pai, que aí fez a maior parte do curso secundário, três anos de 1901 a 1903, no famoso Culto à Ciência. Vindo de uma pequena cidade mineira, Campinas foi para ele uma grande experiência no plano da cultura e da sociabilidade. Por isso foi sempre apegado a ela e certamente gostaria de saber que o seu nome está ligado à Unicamp.

Quanto aos motivos: fiz todos meus estudos, no secundário, no complementar e no superior em escolas públicas e hoje vivo aposentado de uma delas, onde fui professor. Ora, todas elas foram ou são sustentadas pelo povo, de maneira que doar livros a instituições é um modo de retribuir, pouco que seja, o que devo ao povo do meu país. Creio que já doamos cerca de doze mil volumes: à Biblioteca da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto, como disse; à Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia da USP-São Paulo, à da Unicamp, à da Faculdade de Filosofia de Araraquara (Unesp), à da PUC do Rio de Janeiro (onde dei um curso de pós-graduação), à da Faculdade de Filosofia de Poços de Caldas, hoje incorporada à PUC de Minas Gerais, ao Centro Cultural da nossa cidade de Cássia, no Sudoeste de Minas. E vou continuar doando.

ARISTIDES DE MELLO

Convidado pelo governo de Minas Gerais a remodelar e modernizar os serviços termais de Poços de Caldas, o médico reumatologista Aristides Candido de Mello e Souza passou o ano de 1929 na Europa, visitando estabelecimentos balneários da França, Alemanha, Tchecoslováquia e Itália. A crenoterapia – terapêutica pelas águas minerais – foi tema de artigos que o médico escreveu em francês, inglês e espanhol. A Biblioteca Central guarda o único livro escrito por ele, *Estudos de Crenologia (águas minerais e sulfurosas)*, de 1936, em que descreve tempe-



raturas, densidades e composições das águas, e as indicações terapêuticas para a pele, sistemas nervoso e linfático, anemia, reumatismo, sífilis, cãrie e úlceras. “Quem entra no banho a 36°C tem desde logo agradável sensação de calor, que se aliena pouco a pouco, dando lugar a uma tepidez que sensibiliza o corpo de modo sedativo. (...) Depois de alguns minutos, um torpor ou moleza e, às vezes, uma sonolência invadem o banhista, prendendo-o ao prazer do banho no qual gostaria de permanecer indefinidamente”, assegurava Aristides de Mello.